

**OS NOMES DAS RUAS DA CIDADE DE ESTRELA-RS: UM ESTUDO  
HODONÍMICO**

**THE NAMES OF STREETS IN THE TOWN OF ESTRELA-RS: A STUDY OF  
HODONYMY**

**Kleber Eckert\***

**Maiquel Röhrig\*\***

**RESUMO**

O presente artigo propõe-se a fazer um estudo hodonímico a partir dos nomes das vias públicas de Estrela-RS. Para tanto, fez-se um levantamento dos nomes de todas as ruas, avenidas e travessas constantes no mapa urbano do município, os quais foram classificados e analisados à luz das taxionomias propostas por Dick (1990). Para dar sustentação teórica ao estudo, discutiram-se questões relacionadas à onomástica, à toponímia e à hodonímia, além de questões relativas ao desenvolvimento sociocultural da cidade de Estrela. Como principal resultado, constatou-se um elevado número de antroponímicos, os quais, por sua vez, estão em sintonia com a história de colonização de Estrela, uma vez que os antroponímicos de origem alemã se sobrepõem aos das demais etnias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hodonímia; Estrela-RS; História sociocultural

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to study the denomination of public streets names in Estrela-RS. Therefore, a survey of the names of all streets, avenues, and side streets in the urban map of the municipality was carried out. These were classified and analyzed according to the taxonomies proposed by Dick (1990). To give theoretical support to this study, issues related to onomastics, toponymy, and hodonymy were discussed, as well as issues related to sociocultural development of the city. A high number of anthroponyms were observed, which are in harmony with the colonization of Estrela, since the anthroponyms of German origin overlap with those of the other ethnic groups.

**KEYWORDS:** Hodonymy; Estrela-RS; Sociocultural history

---

\* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) *campus* Bento Gonçalves. Doutor em Letras (2014) pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) – klebereckert@hotmail.com

\*\* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) *campus* Bento Gonçalves. Doutor em Letras (2014) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – leuqiam@gmail.com

## **Introdução**

O objetivo do presente artigo é realizar uma leitura histórica, linguística e sociocultural dos nomes dados às vias públicas urbanas, classificadas como ruas, avenidas ou travessas do município de Estrela-RS. Para alcançar o objetivo proposto, é feito o levantamento dos nomes de todos os logradouros urbanos constantes no mapa do município, referente ao ano de 2013, e, a partir dos dados, são feitas considerações acerca desses hodônimos, levando em consideração o nome que receberam e as implicações decorrentes dessa nomeação.

Inicialmente, faz-se uma breve síntese de aspectos históricos e socioculturais do município de Estrela, com ênfase nos processos imigratórios de formação da comunidade e nas características atuais do município. Na sequência, propõe-se uma reflexão sobre a onomástica e, dentro dela, da toponímia, que estuda os nomes de lugar. Apresentam-se, também, as taxionomias de natureza física e antropocultural propostas por Dick (1990). As discussões sobre a toponímia baseiam-se nos princípios teóricos de Dauzat (1947), Dick (1990) e Marcató.

Como microcosmo da toponímia, analisa-se o conceito da hodonímia, o seu objeto de estudo, bem como a importância e a simbologia da rua para o desenvolvimento das cidades, buscando-se suporte teórico nos preceitos de Dauzat (1947), de Dick (1996) e de Frosi (2010). Ainda, nas reflexões e análises hodonímicas, o presente estudo se ampara em pesquisas realizadas por Faggion, Dal Corno e Frosi (2008), Frosi (2010), Sartori (2010), Filgueiras (2011), Santos e Seabra (2011), Silva (2011), Cioato (2012) e Eckert e Frosi (2014).

Em relação à metodologia de pesquisa, primeiramente, foram listados todos os nomes de ruas, avenidas e travessas constantes no mapa oficial do município de Estrela-RS, referente ao ano de 2013. De posse dos dados cartográficos, os hodônimos foram lançados em planilhas Excel e classificados segundo as taxionomias propostas por Dick (1990). Ainda, foram feitas subdivisões que serviram de base para a análise, como, por exemplo, os antroponímios, que foram separados por gênero e origem étnica dos sobrenomes.

## 1. Breve história sociocultural do município de Estrela-RS<sup>75</sup>

A história oficial de Estrela inicia-se em 20 de maio de 1876, data em que, segundo Hessel (1983, p. 32), Tristão de Alencar Araripe, Presidente da Província, sanciona a lei que cria o município, à época englobando os territórios hoje emancipados de Estrela, Lajeado, Arroio do Meio, Teutônia, Colinas, parte dos municípios de Encantado e de Imigrante. No entanto, antes de a fundação do município ser encabeçada por Antônio Vítor de Sampaio Mena Barreto, o território foi ocupado por diferentes povos.

Ainda hoje há marcas da ocupação indígena na região, com reservas indígenas em algumas localidades. Os índios pertenciam ao grande grupo étnico dos tupi-guaranis, que, a partir do século XVII, viram suas populações reduzirem-se até o quase extermínio pelos portugueses que iniciaram uma maior colonização do local. Tal colonização recebe um grande impulso em 1740, quando a região do Vale do Rio Taquari, dentro da qual se situa Estrela, recebe vários portugueses, os quais se fixam principalmente na localidade onde hoje encontramos o município de Taquari.

Naquela época, ao invés de municípios, como temos hoje, havia sesmarias, ou seja, grandes fazendas concedidas pelo governo a colonos que as recebiam mediante a condição de ocupá-las e fazê-las produzir alimentos, o que significava, entre outras medidas, expulsar as populações nativas e derrubar as matas. Nesse contexto, Estrela começa a se desenhar como município a partir de 1824, quando parte da Fazenda Estrela passa a ser administrada por João Inácio Teixeira, que rompe a sociedade que tinha com seu irmão, José Inácio Teixeira. Esse fato marca a divisão da Fazenda entre os dois irmãos Teixeira, cada um ficando com uma fatia de terra separada da outra pelo rio Taquari, e sinaliza os primórdios de uma rivalidade entre as populações dos dois municípios, e cujos resquícios ainda são sentidos por parte da população de Estrela e Lajeado, que a mencionam frequentemente nas conversas do dia a dia.

É desse período a primeira leva de imigrantes alemães. Segundo Ferri (1991, p. 78), “A 25 de julho de 1824, chegava a primeira leva de imigrantes alemães, destinados

---

<sup>75</sup> A síntese da história sociocultural do município de Estrela-RS foi aproveitada do artigo sobre os antropônimos de Estrela, publicado por Eckert e Röhrig (2015, p. 63-65) e que consta nas referências do presente artigo.



inicialmente, à colônia de São Leopoldo, criada nesse mesmo ano pela Imperatriz Dona Leopoldina”. Em 1830, a colonização alemã foi temporariamente suspensa, mas é retomada logo depois, durante a Revolução Farroupilha.

O recrudescimento do processo de colonização ocorre devido a condições políticas exteriores, sobretudo devido à ameaça da independência do território do Uruguai, que se concretizou em 1828, motivo por que, de acordo com Schierholt (2002, p. 30), “D. Pedro I planejou povoar e colonizar o Rio Grande do Sul com imigrantes alemães, para garantir sua integração ao Império brasileiro e, também, para reforçar o Exército imperial”.

Depois de ocuparem a região de São Leopoldo, os imigrantes alemães “seguiram os cursos d'água, que eram o caminho mais favorável, atingindo os vales dos rios Jacuí, Pardo e Taquari” (FERRI, 1991, p. 78). No “ano de 1856, começou o povoamento das terras de Vitorino José Ribeiro, entre os arroios Estrela e Boa Vista. Em 1870, Antônio Vítor de Sampaio Mena Barreto fundava o povoamento de Santo Antônio de Estrela, hoje Estrela” (FERRI, 1991, p. 79).

O longo processo de colonização levou à predominância da população branca na região. Schierholt (2002, p. 22) destacou este aspecto dizendo que “O fenômeno da colonização, iniciada em 1855 em Estrela, deu o caldo grosso de 82% ou mais na formação étnica dos estrelenses”. Entretanto, em meados do século XIX a situação era diferente, em vista da grande quantidade de escravos que trabalhavam nas fazendas da região. Em relação a isso Schierholt afirma:

Conjetura-se, com bons fundamentos, que na primeira metade do século 19 a população negra no Alto Taquari superasse em número a população branca; com a colonização germânica, o grosso dessa gente de sangue africano deve ter descido com as águas do Taquari, em cujos portos, embarcações ou passos, muitos deles ganharam a vida ou a sobrevivência após a Abolição (1888) (2002, p. 22).

Se os índios foram quase dizimados pelos imigrantes, os negros foram por eles substituídos, à medida que os imigrantes tomaram seus postos de trabalho e, gradativamente, obrigaram-nos a procurar ocupações em outros municípios. Hoje, embora diversificada, a constituição étnica do município de Estrela guarda as marcas destes quase dois séculos de ocupação do território pelos imigrantes portugueses, alemães e italianos, sobretudo, bem como de diversos outros países que, ao longo do século XX, aumentaram a diversidade

cultural da região. Hoje, o município conta com descendentes de poloneses, austríacos, holandeses, espanhóis, franceses, ingleses, entre vários outros. Nos últimos anos, tem recebido, ainda, grande quantidade de imigrantes haitianos, que procuram a região para trabalhar e estudar.

## **2. A onomástica, a toponímia e a hodonímia**

O termo onomástica é de origem grega, formado pelos elementos *onoma* (nome) e *tékne* (arte), cujo resultado é *onomastiké*, que significa *a arte de nomear*. A forma grega aparece no latim tardio como *onomasticon*, que evolui e chega ao Português como onomástica, embora haja pesquisadores que adotem a forma onomasiologia (GUÉRIOS, 1973, p. 15) ou onomatologia (VASCONCELLOS, 1931, p. 3). De acordo com Mioranza (2009), o vocábulo foi usado, por um longo período de tempo, para indicar o estudo de todos os nomes próprios, de pessoas e de lugares.

A disciplina possui dois grandes campos de investigação, que são, conforme Marcato (2009), a antroponímia e a toponímia. A primeira, também conhecida como antroponomástica, é a que se ocupa dos nomes próprios de pessoa, isto é, os antropônimos. A segunda, chamada também de toponomástica, é a que se refere aos estudos dos nomes de lugar, ou seja, os topônimos.

A toponímia, conforme já explicitado anteriormente, é um dos ramos da onomástica e tem sua origem nos elementos gregos *topos* (lugar) e *onoma* (nome), daí o termo toponímia significar o nome de um lugar. Portanto, é uma área que tem como foco de estudo, principalmente, o nome geográfico e também a documentação que registra esse nome próprio.

Investigar a história do nome de um lugar, seja um acidente físico seja um acidente humano, é, para Dick (1990, p. 19), “um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes”. É o que também preconiza Dauzat (1947, p. 07), ao afirmar que “a toponímia, conjugada com a história, indica ou torna precisos os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde tal ou tal grupo linguístico deixou seus vestígios”.

O objeto de estudo da toponímia é o nome de lugar, cujo conceito precisa ser descortinado para ser mais bem compreendido. O lugar pode ser um acidente físico (rio, lago, montanha, serra, bosque, etc.) ou então um acidente humano (país, estado, cidade, município, bairro, vila, avenida, rua, etc.) que recebe um nome para ser identificado como diferente dos demais. Logo, um dos aspectos de estudo da toponímia, além do nome do lugar em si, é estudar a motivação toponímica, isto é, entender a “estruturação dos motivos ou das fontes geradoras dos nomes de lugares” (DICK, 1990, p. 22).

Acerca da designação dos topônimos, Dauzat (1947) indica que ela pode ocorrer de forma espontânea, quando é uma espécie de obra inconsciente de uma coletividade, ou então sistemática, “quando ela se deve à ação refletida da autoridade, de um conquistador, de um fundador de cidade” (p. 19-20). O estudioso acrescenta que os nomes de lugar podem ser originados de particularidades topográficas, do nome do fundador de uma cidade ou santo protetor da comunidade, de outros aspectos de ordem histórica, ou ainda de elementos diversos.

Outra forma de olhar para a toponímia é a partir da nomeação por força do ambiente natural e do ambiente antropocultural. É o que defende Marcato (2009, p. 155-167) ao afirmar que o nome do lugar pode ser estudado e classificado com base em aspectos naturais, como a forma do terreno, a presença de plantas e animais, e a existência de cursos d’água e montanhas. Já o ambiente antropocultural tem a ver com a presença humana num território, bem como as suas atividades, as edificações, os espaços para cultos e os espaços para locomoção, como as vias e as estradas.

A divisão proposta por Marcato (2009) aproxima-se das taxionomias de natureza física e de natureza antropocultural, propostas por Dick (1990) para proceder à classificação dos topônimos. No primeiro grupo, estão os astrotopônimos (topônimos relativos aos corpos celestes), os cardinotopônimos (relativos às posições geográficas), os cromotopônimos (relativos à escala cromática), os dimensiotopônimos (relativos às dimensões dos acidentes geográficos), os fitotopônimos (relativos aos vegetais), os geomorfotopônimos (relativos às formas topográficas), os hidrotopônimos (relativos a acidentes hidrográficos), os litotopônimos (relativos aos minerais, à constituição do solo), os meteorotopônimos (relativos aos fenômenos atmosféricos), os morfotopônimos (relativos às formas geométricas) e os zootopônimos (relativos aos animais).

No segundo grupo, Dick (1990) inclui os animotopônimos (topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual), os antropotopônimos (relativos aos nomes individuais), os axiotopônimos (relativos a títulos e dignidades que acompanham os nomes), os corotopônimos (relativos a nomes de cidades, regiões, estados, países, continentes), os cronotopônimos (relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo ou velho), os ecotopônimos (relativos às habitações), os ergotopônimos (relativos aos elementos da cultura material), os etnotopônimos (relativos aos elementos étnicos – tribos, povos, castas) e os dirrematopônimos (constituídos de frases ou enunciados linguísticos).

Ainda nesse grupo, estão os hierotopônimos (relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, a associações religiosas e aos locais de culto), os quais se subdividem em hagiotopônimos (relativos aos nomes de santos do hagiológico romano) e em mitotopônimos (relativos a entidades mitológicas de outras crenças); os historiotopônimos (relativos aos movimentos de cunho histórico, seus membros e às datas comemorativas); os numerotopônimos (relativos aos adjetivos numerais); os poliotopônimos (relativos aos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial); os sociotopônimos (relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho); os somatopônimos (relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal) e os hodotopônimos (relativos às vias de comunicação urbana ou rural).

Chega-se, assim, ao que Marcato (2009, p. 174) denomina de toponímia urbana, que analisa os nomes de cidades, vilas, bairros, castelos, casas entre outros. E, dentro desse ramo, a pesquisadora situa a hodonímia, à qual compete o estudo dos nomes das vias, estradas, ruas, avenidas, enfim, os espaços urbanos usados para a locomoção. É o que também considera Frosi (2010, p. 52), ao definir o objeto da hodonímia: “estudar a origem e a evolução dos nomes das vias e dos espaços públicos de circulação das comunidades urbanas, contemplando os vários aspectos interdisciplinares – históricos, sociais, econômicos, étnicos e culturais – que aí se entrecruzam e se envolvem”.

O termo é formado a partir de dois elementos gregos: *hodos* (via, estrada) e *onoma* (nome), daí a forma hodônimo, isto é, o nome da via, da estrada. A definição é também explicitada por Marcato (2009, p. 177), para quem a hodonímia compreende “a denominação das estradas, a subdivisão das cidades em bairros ou distritos”. Já Sartori (2010, p. 32) classifica a hodonímia como um microcosmo da toponímia, e deixa claro que ela compreende



“o conjunto dos nomes das ruas e praças e de todas as áreas de circulação de um centro urbano”.

A noção de microcosmo é especificada por Dick (1996, p. 133) quando a pesquisadora esclarece que “a rua é um ponto singular de atração da cidade, um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. Para ela, tudo converge, desde o fato corriqueiro do dia-a-dia, o simples entra e sai das casas até as grandes comemorações solenes ou festivas”. Estudar os nomes das ruas, portanto, é perceber que esses nomes “dão pistas do passado e do presente, dos ocupantes, das figuras ilustres homenageadas e dos interesses que estão por trás de sua nomeação” (SARTORI, 2010, p. 32).

Ademais, Frosi (2010, p. 56) defende que os hodônimos podem nos fornecer indícios da cultura, da história e da linguagem de um povo e que eles são um rastro acerca das sucessivas gerações de uma localidade, isto é, dos habitantes que nasceram, viveram e trabalharam num determinado território.

Para Frosi (2010, p. 56-57), os hodônimos

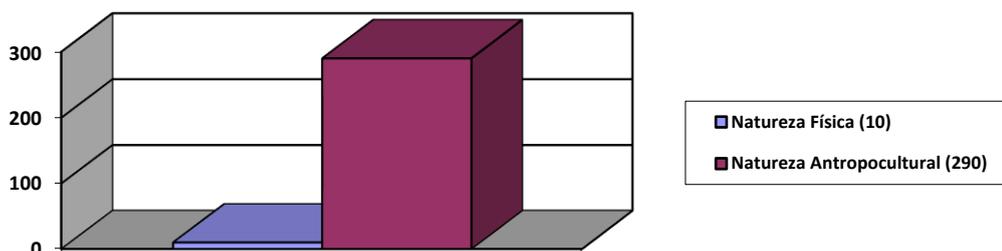
são reveladores da vida de uma comunidade, das escolhas feitas pelos homens e das vicissitudes por eles vividas. Os hodônimos informam a origem étnica do grupo, refletem a fidelidade para com seu universo cultural e/ou sua adesão ao novo ambiente e a tudo o que o cerca. [...] No jogo das presenças e ausências, os topônimos refletem também o prestígio de alguns e o anonimato de outros como reflexo da desigualdade que sempre caracterizou o mundo dos homens.

Numa perspectiva histórica, Dauzat (1947, p. 223-225) apresenta as razões de nomear uma via pública, isto é, as motivações que fazem com que uma rua tenha certo nome. Para o autor, é possível que o nome da rua seja dado em homenagem àqueles que a construíram, que o nome da rua faça referência a um edifício ou então revele locais onde atuavam certas categorias profissionais, o que revela uma espécie de “etimologia popular”. Dauzat assevera que essa perspectiva de nomeação mudou a partir do século XIX, pois as ruas passaram a ser nomeadas com vitórias bélicas, homens célebres – locais ou nacionais – ou então nomes simbólicos.

### 3. Hodônimos estrelenses: taxionomias e significados

Com o levantamento realizado no mapa urbano do município de Estrela, referente ao ano de 2013, no qual se encontram os nomes de todas as vias urbanas do município e a sua respectiva localização, chegou-se ao total de exatos 300 logradouros, entre ruas, avenidas e travessas. Numa primeira classificação, levando-se em conta as categorias taxionômicas propostas por Dick (1990), percebe-se que os hodônimos de natureza antropocultural superam em larga escala os de natureza física, conforme gráfico abaixo (Gráfico 01).

**Gráfico 01** – Hodônimos de natureza física e antropocultural

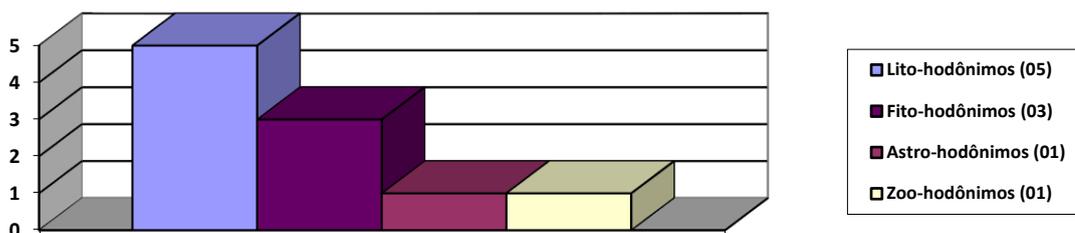


Fonte: elaborado pelos autores.

A análise desses primeiros dados, os 290 hodônimos de natureza antropocultural e os 10 de natureza física, que correspondem a 96,7% e a 3,33%, respectivamente, revela uma tendência geral da toponímia urbana, evidenciado já em outros estudos hodonímicos (CIOATO, 2012; ECKERT; FROSI, 2014). Cioato (2012, p. 48) esclarece que essa tendência ocorre “pois aí há aglomerações de pessoas que buscam motivação nos fatos relacionados à cultura ou à história local ou nacional ao denominar um acidente humano”.

Do total de hodônimos de natureza física (10), foi possível a classificação em apenas quatro taxionomias: lito-hodônimos (05), fito-hodônimos (03), astro-hodônimos (01) e zoo-hodônimos (01). Como exemplos, podem ser citados: Rua dos Topázios, Rua dos Eucaliptos, Rua Estrela da Manhã e Rua Beija-Flor, respectivamente (Gráfico 02).

**Gráfico 02** – Hodônimos de natureza física

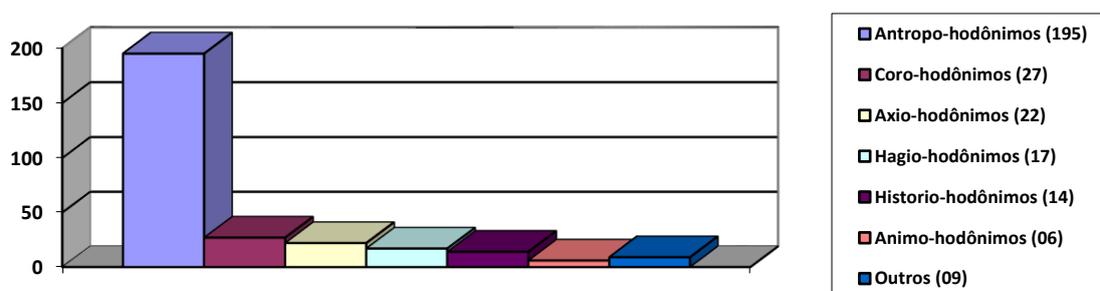


Fonte: elaborado pelos autores.

A avaliação que se faz acerca do baixíssimo número de hodônimos de natureza física é que os nomes dos logradouros (ruas, avenidas e travessas), “por serem um acidente geográfico eminentemente humano, apresentam uma tendência de serem nomeadas por nomes de natureza antropocultural” (ECKERT; FROSI, 2014, p. 240). Essa interpretação pode ser inferida a partir da constatação de Santos e Seabra (2011, p. 24): “a motivação toponímica de natureza física é maior em se tratando dos acidentes físicos. Ora, isso é esperado, uma vez que a natureza física do topônimo remete ao acidente físico, ou ao seu referente.”

Ao analisar os hodônimos de natureza antropocultural, haverá a presença de doze taxinomias, conforme descrição a seguir: antro-hodônimos (195), coro-hodônimos (27), axio-hodônimos (22), hagio-hodônimos (17), historio-hodônimos (14), animo-hodônimos (06), crono-hodônimos (03), sócio-hodônimo (02), ergo-hodônimo (01), etno-hodônimo (01), número-hodônimo (01) e hodo-hodônimo (01). Para exemplificar, cita-se um exemplo de cada tipo, respectivamente: Rua Pércio Freitas, Rua Alagoas, Rua Cel. Müssnich, Rua Santo Antônio, Rua 07 de setembro, Rua Amizade, Rua das Crianças, Rua dos Marinheiros, Rua do Elevador, Rua Germânia, Rua Três Irmãos e Rua do Acostamento (Gráfico 03).

**Gráfico 03** – Hodônimos de natureza antropocultural



Fonte: elaborado pelos autores.

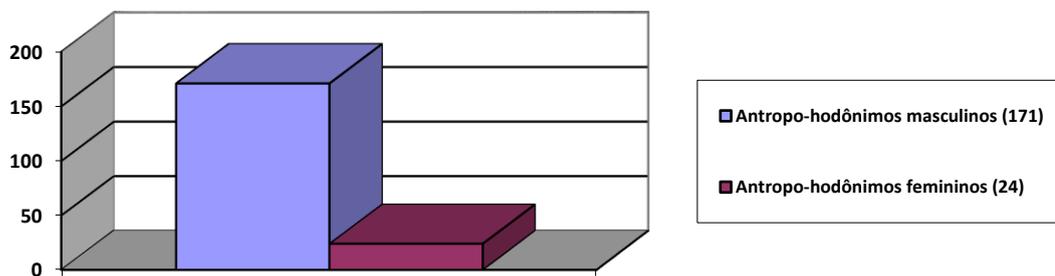
Como pode ser visto no gráfico acima, há um número elevado de antroponímicos (195), os quais equivalem a 67,2% dos topônimos de natureza antropocultural e a 65% do total de topônimos pesquisados. A presença marcante de antroponímicos foi também identificada em outros estudos toponímicos, como o realizado por Frosi (2010) a partir dos nomes das ruas da cidade de Caxias do Sul-RS. Conforme a pesquisadora, do total de 3.611 topônimos analisados, 3.178 são antroponímicos, o que equivale a 88% do total. A pesquisa de Cioato (2012), que estudou os topônimos do município de São Marcos-RS, também revelou um alto percentual de antroponímicos, que chegam a 75% do total dos nomes de ruas que foram analisados.

No Vale do Taquari, onde o município de Estrela está situado, a pesquisa de Eckert e Frosi (2014) sobre os nomes das ruas da cidade de Lajeado também revelou a forte presença dos antroponímicos. De acordo com os pesquisadores, o percentual dessa taxionomia chegou a 68,8% do total de topônimos investigados. A presença maciça de antropotopônimos na onomástica brasileira já fora citada por Dick (1990, p. 285), ao afirmar que “dentre as taxionomias de natureza antropocultural, sobressaem-se, pela expressividade das formações onomásticas, os chamados antropotopônimos, ou nomes de lugares constituídos a partir dos designativos pessoais, seja em prenomes ou em apelidos de família, combinadamente ou não”.

Nesse sentido, Filgueiras (2011, p. 41) acrescenta que a utilização de nomes de pessoas comuns ou públicas para nomear lugares, como ruas e avenidas, especialmente se essas pessoas se destacaram nos processos sócio-políticos e culturais da localidade, permite que se preserve parte da história regional ou nacional, além de permitir que essa história seja repassada às gerações futuras. Portanto, ao olhar para os nomes das pessoas que foram homenageadas, percebe-se que, em Estrela, cerca de 90% dos antroponímicos referem-se a pessoas da própria comunidade.

Quanto à distribuição dos antroponímicos por gênero, é possível perceber uma tendência que os estudos toponímicos têm demonstrado, isto é, uma supremacia dos antroponímicos masculinos em detrimento dos femininos (FROSI, 2010; FILGUEIRAS, 2011; SILVA, 2011; CIOATO, 2012; ECKERT; FROSI, 2014). No caso do presente estudo, os nomes masculinos correspondem a 87,7%, enquanto os femininos ocupam 12,3% do total (Gráfico 04).

**Gráfico 04** – Antropo-hodônimos distribuídos por gênero

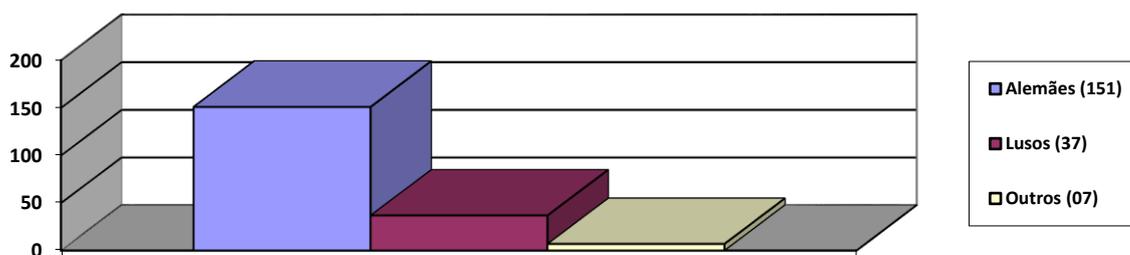


Fonte: elaborado pelos autores.

Em relação à dissimilitude na distribuição do gênero, Frosi (2010, p. 68) assevera que “isso nos adverte quanto ao papel que, de modo geral, foi desempenhado pela mulher, através do tempo. A desigualdade dos dois gêneros, em detrimento da mulher e com privilégios para o homem, reflete-se também nos hodônimos”. Silva (2011), num estudo sobre a presença de nomes de mulheres imigrantes nos hodônimos da cidade de Maringá-PR, observa que, mesmo naquelas vias nomeadas com nomes femininos, na lei ou ato de nomeação, aparece constantemente a referência às ações do marido ou dos filhos, tais como “esposa de...” “ajudou o marido...” “o marido foi...”, “mãe de tantos filhos...”, “seus filhos na cidade residem e contribuem para o progresso da cidade...” (p. 402).

Numa análise mais pormenorizada dos antropo-hodônimos em relação à origem étnica dos sobrenomes, destacam-se 151 de origem alemã (77,5%), 37 de origem lusa (19%) 7 sobrenomes pertencentes a outros grupos étnicos (3,5%), como italianos, poloneses e franceses, conforme pode ser visualizado no Gráfico 05.

**Gráfico 05** – Antropo-hodônimos distribuídos por origem étnica



Fonte: elaborado pelos autores.

Os dados acima, que indicam uma supremacia dos antropo-hodônimos de origem alemã sobre os demais, estão em consonância com a história de ocupação e colonização do município de Estrela-RS. O povoamento e a ocupação efetiva da localidade de Estrela passaram a acontecer a partir de 1856, ano em que os imigrantes alemães começaram a subir o Rio Taquari, após ocuparem a região de São Leopoldo (FERRI, 1991, p. 78-79). Nesse sentido, compreende-se por que, até hoje, os descendentes de imigrantes alemães são maioria no município e os resquícios dessa maioria nos hodônimos não poderiam ser diferentes.

Ainda quanto à origem étnica dos antropo-hodônimos, notou-se uma correlação entre os sobrenomes das personalidades locais que originaram os nomes das ruas e a configuração antroponímica atual do município de Estrela. Por exemplo, ao identificar os sobrenomes de origem alemã mais frequentes nos antropo-hodônimos, percebeu-se que os sobrenomes repetem-se, se comparados aos sobrenomes dos atuais habitantes de Estrela (ECKERT; RÖHRIG, 2015, p. 74). Por exemplo, os sobrenomes Sulzbach, Horn e Diehl estão entre os mais comuns na atualidade, e o mesmo ocorre nos antropo-hodônimos de origem germânica.

Em relação ao número de hodônimos de origem lusa, percebeu-se que mais da metade, isto é, 21 dos 37, remete não a personalidades locais, e sim a vultos históricos que tiveram destaque na sociedade do Rio Grande do Sul e do Brasil. Entre eles, podemos citar: Presidentes da República (Rua Nilo Peçanha), políticos gaúchos do Período Republicano (Rua Borges de Medeiros), escritores de renome regional e nacional (Rua Érico Veríssimo) e demais intelectuais brasileiros (Rua Joaquim Nabuco), entre outros.

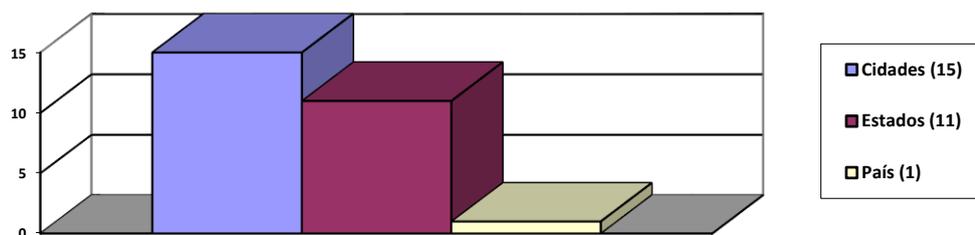
Estrela não é a única cidade em que vários logradouros receberam nomes de personalidades nacionais ou estaduais. Outros estudos hodonímicos (FAGGION, DAL CORNO, FROSI, 2008; FROSI, 2010; SARTORI, 2010; CIOATO, 2012; ECKERT; FROSI, 2014) têm mostrado que essa é uma prática comum em outras cidades do Rio Grande do Sul, reforçando, dessa maneira, a tese defendida por Dick (1995), que afirma ser uma característica da toponímia brasileira “homenagear personalidades públicas formadoras do pensamento político e cultural do país” (p. 64).

Finalmente, uma última taxionomia que merece destaque é a dos coro-hodônimos, pelo considerável número de ruas ou avenidas (27 logradouros, que correspondem a 9% do

total e que são a segunda taxionomia mais comum). É preciso entender por que tantas ruas foram nomeadas a partir de outros nomes de lugar, seja de cidades, seja de estados.

Dos 27 coro-hodônimos analisados, 15 derivam de nomes de cidades, 11 de estados e 1 de país, conforme exemplos a seguir: rua Teutônia, rua Pernambuco e rua Alemanha (Gráfico 06). A expressiva presença de coro-hodônimos também foi identificada em outros estudos hodonímicos, como o de Faggion, Dal Corno e Frosi (2008) e o de Eckert e Frosi (2014). Em ambos os estudos, o alto número de coro-hodônimos parece indicar que havia a necessidade premente de nomear os logradouros da cidade que crescia num ritmo acelerado, e uma solução encontrada tenha sido a escolha dos coro-hodônimos.

**Gráfico 06** – Distribuição dos coro-hodônimos quanto à origem (cidades, estados, país)



Fonte:

elaborado pelos autores.

Embora no presente estudo não se tenha como objetivo principal discutir e analisar a motivação toponímica, é preciso mencionar que as ruas nomeadas com nomes de estados localizam-se todas no mesmo bairro, que se chama, não por acaso, Bairro dos Estados. É possível inferir que, no caso desse bairro e suas ruas, possa ter havido uma tentativa de homenagem aos Estados brasileiros e que a motivação toponímica tenha passado ao largo da premência de nomear as ruas de uma cidade em rápido processo de expansão.

## Considerações finais

O levantamento onomástico e a análise dos hodônimos de Estrela permitem que se entendam aspectos culturais da comunidade estrelense. Entre esses aspectos, pode ser citada a

história de ocupação do território e, a partir dela, é possível perceber os vestígios deixados pelos habitantes e, é claro, o que esses vestígios significam.

Portanto, um dos aspectos a ser considerado é o elevado número de antropodônimos em detrimento das outras taxionomias, o que também foi percebido em outros estudos hodonímicos do Rio Grande do Sul e em estudos toponímicos do Brasil. Ainda nessa categoria, o baixo número de antropodônimos do gênero feminino revela o papel que a mulher tem desempenhado ao longo do tempo, a quem cabia o cuidado da casa e dos filhos, e em Estrela não teria sido diferente.

Os sobrenomes dos antropodônimos mostram uma sintonia entre a história de colonização de Estrela e a nomeação dos logradouros, uma vez que os antropodônimos de origem alemã se sobrepõem aos das demais etnias, como a portuguesa. Os percentuais de sobrenomes dos antropodônimos referentes à origem étnica – 77,5% de origem alemã, 19% de origem lusa e 3,5% de outras origens étnicas – aproximam-se dos sobrenomes que ainda hoje existem em Estrela. Em estudo realizado a partir dos 20 sobrenomes com maior número de ocorrências no município, Eckert e Röhrig (2015) perceberam que 17 eram de origem alemã e apenas três de origem lusa, o que corresponde a 85% e 15%, respectivamente. Logo, pode-se dizer que na origem étnica dos sobrenomes dos antropodônimos refletem-se os sobrenomes da população que hoje reside no município, ou vice-versa.

Por fim, o presente estudo permitiu que se fizesse uma leitura da realidade de Estrela a partir dos nomes de seus logradouros. É possível, em estudos futuros, buscar os documentos escritos – tais como Leis, Decretos e Atos de Denominação – que nomeiam as vias públicas municipais e analisar a motivação hodonímica, bem como se houve mudanças nos nomes das ruas e avenidas ao longo do tempo e por que essas mudanças aconteceram.

## Referências

CIOATO, Fernanda Bassanesi. *Os nomes do município de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas*. Dissertação de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade – Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, 2012.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux: origen et évolution – Villes et villages – Pauys – Cours d'eau – montagnes – lieuxdits*. 5 ed. Paris: Delagrave, 1947.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade*

brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

\_\_\_\_\_. O léxico toponímico: marcadores e recorrências linguísticas. In: *Revista Brasileira de Linguística*. (SBPL) (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística). São Paulo: Plêiade, 1995, v. 8.

\_\_\_\_\_. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*. São Paulo: Anablume, 1996.

ECKERT, Kleber; FROSI, Vitalina Maria. Os hodônimos da cidade de Lajeado-RS: sua natureza, suas interfaces. In: *Domínios de Linguagem*. v. 08, n. 01 (jan./jun. de 2014).

ECKERT, Kleber; RÖHRIG, Maiquel. Os sobrenomes dos habitantes de Estrela-RS: um estudo onomástico. In: *Caletroscópio*. v. 3, n. 05 (jul./dez. de 2015).

FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani; FROSI, Vitalina Maria. Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e denominação. In: *Métis*. Caxias do Sul, v. 7, n. 13, jan./jun. 2008.

FERRI, Gino. *História do rio Taquari-Antas*. Encantado: Grafen, 1991.

FILGUEIRAS, Zuleida Ferreira. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2011.

FROSI, Vitalina M. *Os logradouros de Caxias do Sul: seus nomes, suas interconexões*. In: II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. A Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Évora: Universidade de Évora, 2010. p. 50-73.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. 2 ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

HESSEL, Lothar. *O município de Estrela: história e crônica*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1983.

MARCATO, Carla. *Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino, 2009.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Memória do Patrimônio linguístico de Minas Gerais: Análise da motivação toponímica de natureza física da Comarca de Vila Rica em registros cartográficos históricos. In: *Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*. Paraty, 2011.

SARTORI, Tríssia Ordovás. *Ruas de minha cidade: um estudo hodonímico*. Dissertação de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade – Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, 2010.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela: ontem e hoje*. Lajeado: O Autor, 2002.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. As imigrantes de Londrina: uma análise hodonímica. In: *Anais do V Congresso Internacional de História*. Maringá, 2011.

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Opúsculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, v. III, 1931.

**Recebido em: 07/03/2017**

**Aceito em: 13/06/2017**